Deckium sente-se estranho - uma luz, em meio à uma treva profunda, o conclama para seguir. Uma luz afetuosa, quase familiar, prometendo um repouso infinito. No entanto, Deckium tenta avançar em direção ao brilho, mas suas pernas não se movem. Seu corpo o trai, letárgico, recusando-se a obedecer.

É como um sonho louco - sente-se lúcido demais, porém ainda sonhando, dormindo, deitado sobre algo frio... como uma lápide. A Luz se afasta. Deckium tenta pegá-la com as mãos, mas isso só faz com q a luminosidade recue.

Tudo é treva. Uma treva intangível, entretanto, pesada como uma mortalha.

A treva começa a se dissipar, dando lugar a uma cortina escarlate que cobre-lhe a visão onírica. A cortina rubra começa a se abrir horizontalmente, revelando uma parca iluminação, quase que engolida por outra treva - a treva de uma caverna!

Dor - é a primeira sensação. Uma dor em cada veia, em cada nervo, em cada centímetro de sua pele. Um formigamento implacável toma conta de seus músculos, que parecem estranhos - rígidos, inflexíveis, descoordenados.

Deckium abre seus olhos, e deseja não ter visão, pela primeira vez.

De olhos esbugalhados, o guerreiro observa o teto do que parece ser uma masmorra - ou uma caverna. Ele reconhece o lugar. Será aquela masmorra? Será o túnel abaixo da Montanha de Fogo?

Tenta mover seus dedos, e, mais uma vez, amaldiçoa seus sentidos - uma terrível agonia alastra-se. É como se seu corpo estivesse queimando. Mas não há fogo.

Com um sobressalto, Deckium inclina seu tronco e fica sentado onde está. Agora vê que é um tipo de altar, com detalhes tenebrosos. Alguém está com ele, mas no meio de tanta agonia, é impossível discernir.

Suas mãos agem de modo inacreditável: com dedos firmes e ágeis, começa a ARRANCAR o que o incomoda em seu corpo - a carne queimada pelas labaredas do dragão.

Rosto, pescoço, bíceps, tríceps, orelhas, barriga, espáduas, glúteos... tudo o que lhe dá agonia é implacavelmente removido de seu corpo com as poderosas garras que suas mãos se tornaram.

Uma risada (será uma risada?) parece vir de algum lugar perto.

Deckium não para. As mãos-garras trabalham, destacando sua carne como uma cobra tenta trocar de pele, agonizada pelo comichão.

Em um tempo que se estende e assemelha-se a horas, Deckium prossegue. E para. Para, finalmente. Cheiro de carne chamuscada. Pedaços de suas vestes e armadura. Cabelos e pelos. Tudo espalhado ao seu redor.

Suas mãos? Garras, com belos ossos brancos à mostra. Pernas? Um varão de ossos usando botas. Tronco? Braços? Vértebras, costelas, juntas... a brancura de ossos, bem visíveis.

"O QUE ESTÁ ACONTECENDO, DEUSES?” - Deckium grita.

"Olhe-se no espelho à sua esquerda.” - responde uma voz calma e sarcástica.

Deckium vira-se para onde a voz ordenou. E amaldiçoa sua visão uma segunda vez. Talvez, a última.

FIM (por enquanto)